

DEUS: A FONTE DE PRAZER HILSTIANA

Kamilla Kristina Sousa França Coelho ¹

ODISSEIA

RESUMO: O objetivo deste artigo é estudar as imagens da religiosidade na poesia de Hilda Hilst, buscando entender a visão da poeta sobre Deus. Por meio da análise de dois poemas da obra *Do Desejo*, entenderemos que a busca e a procura por Deus na obra hilstiana proporciona ao eu-lírico prazer e motivação para viver. Fundamentando tais ideias em poemas e estudos de grandes críticos que estudaram a poeta, será perceptível o quanto a escritora inova nas imagens e nas metáforas para caracterizar Deus.

PALAVRAS-CHAVE: Hilda Hilst, literatura, religiosidade.

ABSTRACT: The objective of this article is to study the images of religiosity in the poetry of Hilda Hilst, with the aim of understanding this poet's visions on God. Through the analysis of two poems in the book *Do Desejo*, we understand that the search for God in Hilst's poetry gives the I-lyric pleasure and motivation to live. Supporting those ideas with excerpts from poems and studies by renowned critics who have studied Hilst's poetry, one will be able to perceive how much this poet innovates in her images and metaphors to characterize God.

KEY-WORDS: Hilda Hilst, literature, religiosity.

I – Introdução

Este artigo almeja estudar a religiosidade na poesia de Hilda Hilst (1930-2004) destacando, principalmente, os poemas da obra *Do Desejo*. Essa escolha foi decidida após uma pesquisa em artigos, teses e dissertações em que concluímos que muito pouco se tem pesquisado sobre esse tema. No que se refere ao tema religioso, Hilda inova, pois trata Deus com olhares altamente críticos, o que leva a uma desestruturação de antigos conceitos e dogmas religiosos. Além disso, percebemos que a escritora - em sua poesia, prosa e ficção - abre mão de todo rebuscamento da palavra e de figuras de linguagem mais aprofundadas e difíceis, em prol de uma linguagem mais simples e direta, para tratar de uma nova concepção de Deus, sendo que seu objetivo seria alcançar o entendimento e a sensibilidade do leitor.

Assim, nos poemas com referências ao ser divino, as metáforas, comparações e jogos de imagens edificam relações com animais, partes da natureza e símbolos mais familiarizados para uma primeira leitura. É claro que quando o nosso desejo é aprofundar-se no estudo da obra percebemos que nada tem essas imagens de simples ou fáceis. Porém, em uma visão primeira do poema ou

¹ Mestre em Teoria literária pela Universidade Federal de Uberlândia (2010). Doutoranda em Estudos literários pela Universidade Federal de Goiás.

durante a leitura de pessoas não especializadas, as imagens, certamente, proporcionariam uma identificação e entendimento mais simplificado.

II - A intrigante presença de Deus nos poemas hilstianos

Em poemas, crônicas, contos e teatros Hilda Hilst demonstra toda a sua leitura e todo o seu estudo, desenvolvidos, principalmente, nos anos de isolamento na Casa do Sol. A leitura de Drummond, Heidegger, Kafka, Freud, Bataille, Lygia, Kazantzakis, Nietzsche, Ernest Becker, dentre outros, a levou à escritura de uma obra rebuscada e difícil e que em certos momentos pode, inclusive, ser comparada a uma “tábua etrusca”.

Porém, a grande cartada de Hilda Hilst é posta na mesa quando inicia a sua produção acerca de Deus. Ela escreve em uma linguagem menos rebuscada e mais acessível, para que não restem dúvidas e incompreensões acerca de quem é esse novo Deus, ou essa nova concepção do ser divino, defendida pela escritora. Nota-se, que, por meio dessa linguagem e vocabulário simples, Hilda desmonta conceitos religiosos muito fortes, principalmente no que se refere ao cristianismo.

Em comparação a certos dogmas religiosos, compreendemos, após a leitura de suas poesias, que a religiosidade em Hilst é apresentada com uma análise metafísica de busca do sentido para seu viver e da verdade sobre a vida e a morte, revelando-nos uma visão absolutamente anticristã. A autora, em sua obra, vem dar corpo e forma a essa religiosidade voltada para o terreno, de uma maneira que o homem assuma o centro das atenções. A escritora apresenta, no tratamento das imagens religiosas, o máximo de sua irreverência, pois, nesse universo, mais do que em outros, busca uma poesia liberta de dogmas cristãos, com versos modernos e originais, em relação a Deus e à religiosidade. Percebemos sua sensibilidade poética muito inovadora, pois deixa registrado, em sua poesia, um elevado cunho metafísico-religioso, de sentidos complexos e abstratos. São “[...] geralmente questões metafísicas exploradas de formas diversas: palavras, imagens e sons jorram intensamente no papel, ganham vida na linguagem de Hilda Hilst.” (GRANDO, 2003, p.40). A poeta² manifesta uma visão antibíblica de Deus, criando imagens e fazendo uso de palavras opostas ao Cristianismo.

Quando iniciamos a leitura da obra hilstiana - seja poema, prosa ou teatro -, percebemos a sua intimidade ao caracterizar Deus. Enquanto inúmeras pessoas e religiões usam do pudor e medo para nomear a figura divina, a poeta, na busca pelo ser divino, nomeia-o, com liberdade, de diversas maneiras. Almejando, com isso, demonstrar o quanto ele se apresenta para ela como algo indecifrável e de difícil conhecimento, mas, ao mesmo tempo, íntimo. Por conseguinte, ele poderia ser Deus, Aquele outro, Aquele, ou “Grande Obscuro, o Cão de Pedra, o Sem Nome, o Inteiro Caracol, o Inteiro Desejado, o Grande Olho, o Cara Cavada, o Grande Corpo Rajado, o Mudo-Sempre, grande Perseguido, o Sumidouro, o Máscara do Nojo, o sementeiro, o Homem-luz.” (PETRONIO)³.

Com tamanha variedade linguística, o que notamos é que a indecisão, a dúvida da escritora sobre Deus, revela sua capacidade de criar imagens que levariam a um entendimento melhor e mais profundo do ser divino. Sendo onipresente, ele é o Grande Olho, sendo aquele que não se revela, é o *Sem Nome* e o *Grande Obscuro*, ou, ainda, sendo o inexplicável ele é o *Mudo-Sempre*, o *Sumidouro* e, por último, sendo o maior desejo da poeta ele é o *Inteiro Desejado*, o grande Perseguido. Destaco que cada uma dessas nomeações se faz presente em obras específicas, como o *Grande Obscuro*, que é muito presente na obra *Kadosh*. Assim sendo, cada uma dessas palavras destacadas por Petrônio, encerra características muito significativas que revelam a opinião da escritora sobre Deus.

² Digo “a poeta”, pois Hilda Hilst não gostava de ser chamada de poetisa, já que, em sua opinião, este nome lembrava as mulheres prendadas e donas de casa. Além do que, poetisa pareceria um diminutivo de poeta.

³ Petrônio é crítico e estudioso de Hilda Hilst, sendo que muitos de seus artigos encontram-se publicados na internet, como é o caso dessa citação. O site em questão encontra-se nas referências bibliográficas.

Nas palavras de Queiroz (2000), além de nomeá-lo de várias formas, Hilda Hilst demonstra uma vontade de dobrar os limites da palavra, da sintaxe e das convenções banalizadas, realizando um processo de construção que singulariza a ficção hilstiana, e fazendo uso de uma profunda liberdade, que se encontra na mistura de prosa e poesia, de forma orgânica, presente em suas narrativas. Seria como se Hilst entendesse que, se por palavras e chamamentos comuns poetas e escritores não conseguiram se aproximar de Deus, seria necessário uma inovação. Ela, então, diversifica a nomeação de Deus, e principalmente, mescla a prosa e a poesia, buscando uma extensão de cada gênero para que eles pudessem suprir e ajudar no entendimento de um assunto tão agudo e complexo.

Desse modo, acompanhando as ideias de Queiroz (2000), não haveria mais submissão, por parte de Hilda Hilst, às convenções formais da estrutura do período, no abolir das maiúsculas depois de ponto; tampouco haveria submissão às convenções do discurso escrito, ao sobreporem-se falas distintas sem qualquer sinal gráfico que as distinga ou a seu emissor. Assim, não há, também, limites entre o real e o ficcional.

Essa liberdade em relação à linguagem ajuda a formalizar a liberdade com que Hilda Hilst trata Deus, já que desmonta o altar do Deus da Bíblia e constrói uma cadeirinha ao seu lado para a divindade. Ou seja, vimos até aqui que a escritora cria diferentes nomeações para Deus e que não pontua conforme as regras da gramática normativa. Todos esses fatos culminam para a inovação na nomeação e classificação de Deus, seja completado pela liberdade e novidade na escrita e no léxico hilstiano.

Quanto ao tema desenvolvido pela escritora, ele possui uma enorme carga metafísica e filosófica que, segundo Queiroz, seria um caminho para a criação de uma identidade humana que Hilst tanto procurava. O discurso hilstiano articula-se em meio a perguntas de vigorosa ressonância filosófica, religiosa e mística, no sentido de busca por uma transcendência que sugere os vazios inerentes à condição humana. (QUEIROZ, 2000)

Tais considerações acerca do Deus hilstiano são mais bem percebidas nos poemas que analisaremos a seguir. Eles foram retirados da obra *Do Desejo*, mais especificamente do trecho *Sobre a tua grande face*, já que a seleta de poemas – não numerados ou nomeados - presente nesse trecho em questão refere-se a uma busca incessante por Deus. Vejamos o primeiro poema:

De tanto te pensar, Sem Nome, me veio a ilusão.
A mesma ilusão

Da égua que sorve a água pensando sorver a lua.
De te pensar me deito nas aguadas
E acredito luzir e estar atada
Ao fulgor do costado de um negro cavalo de cem luas.
De te sonhar, Sem Nome, tenho nada
Mas acredito em mim o ouro e o mundo.
De te amar, possuída de ossos e de abismos
Acredito ter carne e vadiar
Ao redor dos teus cimos. De nunca te tocar
Tocando os outros
Acredito ter mãos, acredito ter boca
Quando só tenho patas e focinho.
Do muito desejar altura e eternidade

Me vem a fantasia de que Existo e Sou.
Quando sou nada: égua fantasmagórica
Sorvendo a lua n'água. (HILST, 2004, p.113)

Apreendemos pelo poema que a ilusão de que Deus exista, faz bem à poeta, a faz sentir como se existisse e como se fosse. Sendo que o sentido de seu viver somente teria significado se Deus

existisse, assim como o prazer e a alegria só seriam proporcionados por essa busca. Por isso, o eu-lírico revela que *De tanto te pensar, Sem Nome, me veio a ilusão./A mesma ilusão// Da égua que sorve a água pensando sorver a lua*. Pensar Deus é algo grandioso, é como sorver a lua, porém não passa de uma ilusão. A poeta se compara com uma égua que se ilude com algo tão claramente não passível de ilusão.

Além disso, revela que *De te pensar me deito nas aguadas/ E acredito luzir e estar atada/ Ao fulgor do costado de um negro cavalo de cem luas*. Na busca por Deus, tudo se torna possível, todos os desejos e ilusões se tornam possíveis e dignos. Assim, *De te sonhar, Sem Nome, tenho nada/ Mas acredito em mim o ouro e o mundo.*, a busca a transforma em uma mulher sonhadora, rica, esperançosa, fatores que a investigação no mundo não lhe proporcionaram. *De te amar, possuída de ossos e de abismos/ Acredito ter carne e vadiar/ Ao redor dos teus cimos.*, a procura e a busca faz com que o eu-lírico veja o que possui de melhor e de mais profundo, não sendo meros ossos, mas tendo carne e autonomia para passear e vadiar pelo mundo. Isso porque, Deus é tão inatingível que a poeta inclusive duvida se ela também seria de carne e osso. Já que, para compreendê-lo, senti-lo, é preciso fazer como Deus: desmaterializar-se. Percebemos, assim, um embate: ou Hilda Hilst desmaterializasse ou Deus materializasse, para um possível entendimento dela sobre o ser divino. Há a tentativa, então, de materializar Deus, pois ele está na égua e na lua. Por diversos meios, a escritora almeja um encontro com Deus, considerando inclusive atitudes tão metafísicas para tornar possível seu desejo.

De nunca te tocar Tocando os outros/ Acredito ter mãos, acredito ter boca/ Quando só tenho patas e focinho., nesses versos encontramos a revelação do não encontro, *De nunca te tocar*, mas, ainda assim, a busca faz do eu-lírico um ser melhor do que realmente é, o eleva da sua condição de mero ser com instintos animais, para um ser humano, com características propriamente humanas: *mãos e boca*.

Dessa maneira, *Do muito desejar altura e eternidade// Me vem a fantasia de que Existo e Sou./ Quando sou nada: égua fantasmagórica/ Sorvendo a lua n'água*. O desejo pelo divino constrói um ser mais elevado com a ideia de ser e estar no espaço, mesmo quando não é e não passa apenas de um animal que possui suas ilusões e incertezas.

Então, o estudo, a conversa e a escrita dedicados a Deus é uma forma de Hilda Hilst encontrar prazer, de melhorar como ser humano e de se deslocar de suas características animais instintivas e grotescas para o Ser e o Estar humano. O crescimento e o prazer da melhora pessoal somente são possíveis na busca por Deus, na perseguição pelo desconhecido, pelo invisível e pelo inalcançável.

A insistência pela procura pelo ser divino se propaga por diversos outros poemas da obra *Do Desejo*, de modo que selecionamos mais um para o melhor entendimento da ideia do prazer na busca por Deus. Analisemos o poema abaixo transcrito:

Vem apenas de mim, ó Cara Escura
Este desejo de te tocar o espírito

Ou és tu, precisante de mim e de minha carne
Que incendeias o espaço e vens muleiro
Montado em ouro e sabre, clavina, cinturões
Rebenque caricioso
Sobre a minha anca viva?
Ou há de ser a fome dos teus brilhos
Que torna vadeante o meu espírito
E me faz esquecer que sou apenas vício
Escuridão de terra, latejante.

Vem de mim, Cara Escura, a ramagem de púrpura
Com a qual me disfarço, As facas
Com os fios sabendo à tangerina, facas
Que a cada dia preparo, no seduzir

Tua fina simetria. E vem de ti, Obscuro,
Toda cintilância que jamais me busca. (HILST, 2004, p.114)

O desejo do eu-lírico é revelado na primeira estrofe, quando diz *Vem apenas de mim, ó Cara Escura/ Este desejo de te tocar o espírito*. Todo o ser da escritora o deseja, o almeja alcançar, entender e tocar. Já que como Tomé só acredita sentindo e pegando, Hilda o espírito de Deus e Tomé a ferida de Jesus.

O eu-lírico, então, questiona se seria ele que desejaria o ser divino de maneira exagerada ou seria Deus que dependeria de seu corpo para existir e se exaltar. Interroga, assim, *Ou és tu, precisante de mim e de minha carne/ Que incendeias o espaço e vens muleiro/ Montado em ouro e sabre, clavina, cinturões/ Rebenque caricioso/ Sobre a minha anca viva?*. Seria Deus, o Deus rico, vestido em *sabre, clavina e cinturões*, que dependeria da poeta composta de *carne e anca viva*? Um Deus poderoso, usando um sabre (uma espada curta), uma clavina (arma de fogo do homem montado) e cinturões (grande cinto em que se suspendem armas). Esse ser divino estaria preparado para a guerra, se sentindo inseguro, possui sempre de objetos que lhe transmitiriam segurança.

A dúvida se estende, e ela pergunta: *Ou há de ser a fome dos teus brilhos/ Que torna vadeante o meu espírito/ E me faz esquecer que sou apenas vício/ Escureza de terra, latejante*. Ainda assim, com questionamentos e dúvidas a escritora chega ao ponto de encontro com o poema anterior revelando que seria a “caça” por Deus que a torna melhor, e a faz esquecer que é mera humana cheia de vícios e que é simplesmente terrena.

A inspiração, a beleza, o disfarce para a tristeza, a fantasia de um momento melhor vêm da busca por Deus. A poeta só encontra todo esse potencial de prazer, alegria e beleza em si mesma quando tenta de valoriza e se mostrar para Deus. Logo, *Vem de mim, Cara Escura, a ramagem de púrpura/ Com a qual me disfarço, As facas/ Com os fios sabendo à tangerina, facas/ Que a cada dia preparo, no seduzir/ Tua fina simetria*. Ela traça os espaços e as linhas que delimitariam quem seria Deus e quais seriam suas características. E complementa que *E vem de ti, Obscuro,/ Toda cintilância que jamais me busca*. O brilho de ser divino não chega à mera humana que é o sujeito-lírico, mas entendemos que ainda assim há o prazer e o desejo pela pesquisa do divino.

A pesquisa, estudo e procura pelo ser divino é o que leva a poeta a esquecer que é *apenas vício, escureza de terra, latejante*, passando a crer que é valiosa como o *ouro e o mundo*. A busca a faz confiar que tem *carne e que pode vadiar*, acreditando que *É e Existe*, possuindo o seu lugar importante e significativo no mundo. Mais do que o amor de um homem, a “caça” do ser divino a engrandeceria e possibilitaria maior e melhor prazer do que qualquer aventura terrestre.

Procurando uma extensão maior, percebemos em ambos os poemas que as palavras Sem Nome, Cara Escura e Obscuro, quando continuam se referindo ao ser divino, são “significativamente grafada[s] com maiúscula” (AMORIM, 2004, p. 212), lembrando-nos da superioridade de Deus, do seu mistério, que é representado como algo elevado e quase inalcançável para os homens. Por outro lado, as letras maiúsculas fazem referência à Bíblia, pois é nessa obra, base da religião cristã, que Deus aparece sempre grafado desse modo, para destacar o seu poder, a sua superioridade e a sua santidade.

Seria importante, ainda, destacar, que essa aspiração da escritora por Deus permanece em toda a sua obra de maneira a demonstrar que, apesar de Deus não escutar seus desejos e não corresponder às suas expectativas de respostas, ela não desiste de buscá-lo. Já que tal fato a torna melhor e lhe proporciona o prazer de viver.

Assim compreendido, o entendimento de Deus possibilitaria um real entendimento da figura humana. Tais questionamentos se tornam relevantes, pois fundamentam a busca da poeta por Deus. A escrita livre e sem pontuação, a variedade léxica para se referir a Deus fazem parte da condição humana em que Hilda se encontrava, de dúvida e de questionamento sobre a figura divina. Conforme Queiroz (2000), questões sobre a existência e soberania de Deus constitui, em última instância, o húmus que fertiliza toda grande arte literária, o processo em Hilda Hilst singulariza-se no contexto da tradição brasileira pela violência que ela imprime ao diálogo com um Deus onisciente, a presidir um mundo em caos, de que resulta um espécie de teogonia pagã e escatológica, cuja

linguagem jamais se detém face a regras e convenções “bem comportadas”: o jogo de Hilda é uma aposta na desconstrução radical do bom tom e da literatura morna em favor de uma frase que atinge extraordinárias voltagens líricas.

III - Conclusão

Entendemos, conseqüentemente, que na obra de Hilst se faz presente uma grande dúvida em relação a Deus. O que faz com que os personagens de suas obras (e seu eu-lírico), quase sempre, direcionem questionamentos à figura divina. Não obtendo resposta, este ato gera mais perguntas e frustrações. Esse desejo faz-se presente em quase todas as suas criações por se tratar de um anseio da poeta, já que possuía: “Uma alma que procura[va] cega, obsessiva, pelo indizível que nos disseram haver um dia: Deus.” (ABREU, 1982)

Por último, concluímos que o ato de nomear Deus de maneiras diversas, significa Hilda o quanto a escritora almeja alcançá-lo, em todas as suas características para compreendê-lo mais e melhor. Sendo coerente com esse objetivo, ela se liberta de regras de escrita, como ponto, vírgula e parágrafo e mescla prosa e verso em uma única produção. Esse tema, o da busca do ser divino, conjugado com uma técnica ousada, torna as obras de Hilda Hilst intrigantes e profundas de sentidos.

REFERÊNCIAS

ABREU, CAIO FERNANDO. SOBRE A OBSCENA SENHORA D. DISPONÍVEL EM: <[HTTP://WWW.ANGELFIRE.COM/RI/CASADOSOL/CRITICACFA.HTML](http://www.angelfire.com/ri/casadosol/criticacfa.html)>. ACESSO EM: 7 MARÇO 2006 (1982).

AMORIM, Bernardo Nascimento de. Um poema de Hilda Hilst. In: *Revista do Centro de Estudos Portugueses*. Belo Horizonte: V.24, n. 33, jan-dez 2004, p.209-222.

GRANDO, Cristiane. A poesia de Hilda Hilst: em busca de estruturas complexas. In: *D.O. Leitura*. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, ano 21, n. 08, 2003, p.39-43.

HILST, Hilda. *Do desejo*. São Paulo: Globo, 2004.

PETRONIO, Rodrigo. “A morada do sol”. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/rpetronio20.html>>. Acesso em: 22 setembro 2006.

QUEIROZ, Vera. *Hilda Hilst: três leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.